

A INFLUÊNCIA DO NARCISISMO EM *THE PICTURE OF DORIAN GRAY* (1890), DE OSCAR WILDE

Yasmin Walter Silva
(UFOPA - Graduanda)

Elder Kôei Itikawa Tanaka
(USP - Doutor)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Yasmin Walter Silva é aluna do curso de Licenciatura em Letras-Português pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e licenciada em Letras-Inglês pela mesma universidade. Atualmente é professora da Educação Infantil e Ensino Fundamental no Centro Educacional Abelhinha, em Santarém-PA. E-mail: yasminwaltersilva@gmail.com</p> <p>Elder Kôei Itikawa Tanaka é doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor de Literaturas Anglófonas na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: elder.tanaka@ufopa.edu.br</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>O presente trabalho tem como principal objetivo analisar de que maneira o narcisismo do personagem Dorian Gray se manifesta na obra <i>The Picture of Dorian Gray</i>, de Oscar Wilde (1890). Baseamos nossa pesquisa em estudos de críticos literários (EAGLETON, 2006; CEVASCO, 1985), historiadores (SANTANA & SENKO, 2016), psicanalistas (FREUD, 2010; LACAN, 1949) e comentadores da obra de Wilde (ARAÚJO, 2018; GONÇALVES, 2012; MURIQI, 2007), por meio dos quais foi possível identificar na obra de Wilde aspectos da Era Vitoriana, época em que se desenrola o romance, e do surgimento do Movimento Esteticista, que mostrava que a arte, além de ser expressa, deveria ser vivenciada. Após a pesquisa e a análise literária através de trechos retirados do romance, foi possível constatar a complexidade da obra de Oscar Wilde, que nos dá parâmetros para reflexões entre o período vivenciado no século XIX e os tempos atuais.</p>	<p>The present work aims at analyzing how the narcissism of the character Dorian Gray is expressed in Oscar Wilde's <i>The Picture of Dorian Gray</i> (1890). Our research was based on literary critics (EAGLETON, 2006; CEVASCO, 1985), historians (SANTANA & SENKO, 2016), psychoanalysts (FREUD, 2010; LACAN, 1949) and Wilde's commentators (ARAÚJO, 2018; GONÇALVES, 2012; MURIQI, 2007), on which it was possible to identify aspects of the Victorian Age, when the novel is set, and the emergence of the Aestheticism Movement which showed that art, besides being expressed, should also be experienced. After research and literary analysis through excerpts from the novel, it was possible to apprehend the complexity of Oscar Wilde's work, which gives us parameters for evaluations between life in the XIX century and today.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Narcisismo; <i>The Picture of Dorian Gray</i> ; Oscar Wilde; Análise literária.	Narcissism; <i>The Picture of Dorian Gray</i> ; Oscar Wilde; Literary Analysis.

1 INTRODUÇÃO

Em seu ensaio *The Critic as Artist*, publicado em 1891, Oscar Wilde constrói um diálogo entre dois personagens – Gilbert e Ernest – que discutem sobre a relação entre arte e crítica. Em meio às elucubrações a respeito do tema, o personagem Gilbert diz que

[...] uma época sem crítica é uma época em que a arte não existe [...]. Porque é a faculdade crítica que inventa formas novas. A criação tende a repetir-se. Ao instinto crítico deve-se toda nova escola que surge, cada novo molde que a arte encontra preparado e à mão (WILDE, 2007, p. 1123).

Wilde amplia e retoma em *The Critic as Artist* algumas das ideias desenvolvidas no prefácio ao seu único romance, *The Picture of Dorian Gray* (1890). Por meio de uma sequência de aforismos, o autor enuncia nesse prefácio suas ideias a respeito não só da arte e da crítica, mas também da moral, e afirma, entre outras coisas, que “Revelar a arte e encobrir o artista é a razão de ser da arte. O crítico é aquele capaz de exprimir de modo distinto e com material diferente a sua impressão das coisas belas” (WILDE, 1998, p. 7).

O apreço de Wilde pela crítica e pelo belo se reflete, respectivamente, na sua produção ensaística – composta por diversos ensaios reunidos em uma coleção chamada *Intentions* (1891) – e artística, que se divide entre produções em verso e prosa. Entre essas últimas, destacamos o romance supracitado, publicado em 1890 na *Lippincott's Monthly Magazine*. Essa versão contou com 13 capítulos, focada nos personagens principais: Dorian Gray, Lorde Henry Wotton e Basil Hallward. No ano seguinte, em 1891, Wilde publicou novamente o romance em sua versão padrão com seu famoso prefácio expondo ao leitor suas opiniões como uma resposta ao público da época, em que ele escreveu “Aqueles que encontram significados feios em coisas belas são corruptos, sem serem encantadores” e “Não existe livro moral nem imoral. Os livros são bem ou mal escritos. Isso é tudo”. A obra, então, passou a ser composta por 20 capítulos (CORVINI, 2012).

Na obra, Wilde descreve Dorian Gray, personagem que dá título ao romance, como um jovem de extrema beleza que é levado à alta sociedade, à qual pertencem o pintor Basil Hallward e Lorde Henry Wotton, um homem de posses, que seguia a dedicação ao prazer como principal estilo de vida. Hallward e Wotton se encantam com a beleza do rapaz, e servem de grande influência no decorrer da trama para Dorian. Basil Hallward é quem pinta o retrato de Dorian Gray, acostumado a servir de modelo para pinturas. Depois de ser pintado por Basil Hallward, Dorian se vê perdidamente apaixonado por seu próprio retrato e, num ato impensado, faz o pacto que mudará sua vida, em troca da juventude eterna retratada no quadro.

Tomando o conceito de Wilde de crítica como atividade criativa, que possibilita a

existência da arte, propomos nesse trabalho uma análise desse que é o único romance publicado pelo autor com o objetivo de identificar de que maneira o narcisismo do personagem Dorian Gray se manifesta na obra. Também pretendemos observar, por meio da fortuna crítica relacionada ao tema, como Wilde incorpora no romance aspectos da Era Vitoriana, época em que se desenrola o romance, e do surgimento do Movimento Esteticista, o qual defendia que a arte, para além de ser expressada, deveria ser vivenciada.

A fim de alcançar o objetivo a que se propôs este trabalho, a análise literária será traçada paralelamente a partir de aspectos presentes na obra, a saber: o movimento esteticista, sua influência e a preocupação de Wilde em representá-la através de seus personagens; o moralismo e sua representatividade no contexto do século XIX; por fim, o desdobramento da influência do narcisismo retratado através do personagem Dorian Gray.

2 SOBRE O AUTOR

Oscar Wilde nasceu em 16 de outubro de 1854, em Dublin, Irlanda. Foi batizado Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde pelos seus pais, William Robert Wilde e Jane Francesca Elgee. A paixão de Wilde pela literatura foi incentivada pela sua mãe, muito conhecida pelos poemas e prosa que escrevia. Entre os anos de 1865 a 1871, Wilde estudou na Portora Royal School, em Enniskillen. Em outubro de 1871, ingressou na Trinity College, onde conheceu o professor John Pentland Mahaffy, o maior helenista da época (PIRES, 2005).

Em 1874, Wilde passou a estudar na Magdalen College, em Oxford, onde permaneceu até 1878, ano em que ganhou o Prêmio Newdigate de Poesia, pelo poema *Ravenna*. Depois de terminar seus estudos, Wilde morou em Londres, onde logo ganhou destaque como ensaísta e poeta. Passou a realizar apresentações em público, de forma extravagante. Sua maneira de se vestir chamava bastante atenção (PIRES, 2005).

Apesar de não ter condições de manter suas extravagâncias, Wilde começou a fazer parte da alta sociedade. Foi então que conheceu Lily Langtry, com quem viveu sua primeira aventura romântica. Em 1881, publicou *Poems*, seu primeiro livro de poesias, que lhe garantiu um ótimo destaque na época. Anos mais tarde, Wilde conheceu Constance Lloyd em uma conferência. No dia 29 de maio de 1884, casaram-se na Igreja de St. James em Paddington. Do casamento, nasceram seus dois filhos, Cyril e Vyvyan (PIRES, 2005).

Entre 1887 a 1889, Wilde assume o cargo de editor-chefe da revista feminina *The Woman's World*. Nesse mesmo período, ele escreve sua coletânea de contos fantásticos como *The Happy Prince and Other Tales* (1888), *Lord Arthur Savile's Crime* (1891) e *A House of Pomegranates* (1891). Logo depois, Wilde escreveu seu primeiro e único romance, *The*

Picture of Dorian Gray, publicado na edição de julho de 1890 da revista literária estadunidense *Lippincott's Gentleman Magazine* e, na sequência, em abril de 1891, em formato de livro (TAVARES, 2016).

Wilde escreveu peças teatrais, que ganharam reconhecimento pela sociedade londrina. A primeira peça escrita por Wilde foi *Lady Windermere's Fan* (1892), que foi aclamada pelo público, o que encorajou Wilde a adotar a dramaturgia como sua forma literária primária. Nos anos seguintes, Wilde também escreveu *Salomé* (1892), *A Woman of No Importance* (1893), *An Ideal Husband* (1895) e *The Importance of Being Earnest* (1895).

No auge da carreira de Wilde, um caso com o Lorde Alfred Douglas pôs um fim ao seu casamento com Constance Lloyd, tornando pública a sua homossexualidade. O Marquês de Queensberry, pai de Douglas, desaprovava essa relação e, daí em diante, dispôs-se a qualquer coisa para prejudicar o sucesso de Wilde. O Marquês chegou a investigar tudo sobre a vida do escritor, que, logo depois, acabou sendo condenado por sodomia – um grande desafio para a carreira do autor em plena sociedade vitoriana.

Wilde ficou preso pelo período de dois anos na penitenciária de Reading, onde escreveu *De Profundis* (1897), relatando toda a sua relação com Douglas. Quando saiu da prisão, publicou aquela que se tornaria a sua tão famosa obra: *The Ballad of Reading Gaol* (1898), inspirada na sua experiência no cárcere. Em 30 de novembro de 1900, morreu de meningite. Apesar de sua vida ter sido conturbada, Wilde marcou significativamente o campo da literatura inglesa do século XIX, pois o autor deixou um grande legado através de suas obras, além de ter sido uma personalidade essencial no meio artístico daquela época.

3 ERA VITORIANA

Com o intuito de compreender o contexto histórico em que o romance se passa, pretende-se mostrar um pouco dos costumes e características da sociedade vitoriana presentes neste cenário, a fim de embasar nossa análise a seguir.

A Era Vitoriana na Inglaterra correspondeu ao período de reinado da Rainha Vitória, que ocorreu de 1837 a 1901. Foi um período de bastante prosperidade e também de grandes contradições. De acordo com Santana e Senko (2016), ao mesmo tempo em que aconteciam grandes avanços industriais e crescimento exponencial na economia, a sociedade caminhava em direção ao retrocesso. A mulher, por exemplo, não tinha liberdade de ser o que queria, porque era privada de suas escolhas. Apesar da rainha Vitória ter sido defensora da mulher como centro do núcleo familiar, como guia moral e espiritual de seus filhos, o papel da mulher se sucumbia a condições extremamente limitadas na sociedade.

O cenário histórico da mulher inglesa no século XIX aponta um caráter totalmente utilitarista da condição feminina imposto pela ética vitoriana. As senhoras da época eram verdadeiras “rainhas do lar”, elas praticamente existiam para a função da reprodução, companhia de eventos sociais e administração do lar. O máximo de capacidade que as mulheres deveriam ter era a de inculcar os valores morais nos filhos, demonstrar autoridade perante os empregados e manter o nome da família sempre conservado na sociedade (SOUSA; DIAS, 2013, p.150).

Além da desvalorização da mulher, o conservadorismo da era vitoriana se estendia às questões sexuais de maneira geral. A homossexualidade, por exemplo, era considerada crime de sodomia. Segundo Trevisan (2000), a sodomia era um pecado frente a Deus e um crime contra o estado, configurando em um pecado-crime. Nesse cenário, o moralismo vitoriano acabava julgando tudo o que fugia da normalidade de seus costumes. A sociedade tinha seus valores classificados como puritanos¹, o que explica a origem da obsessão por proibições severas. Um dos casos que ficaram mais conhecidos na época foi o cometido pelo próprio Wilde, condenado pela prática de sodomia por ter mantido um relacionamento com Lorde Alfred Douglas. Wilde intervia através da literatura para denunciar os abusos da sociedade em que viveu. Destaca-se uma das passagens do seu romance, que mostra esse sentimento de contradição e indignação com o retrato de uma época cheia de ilusões e obrigações sociais:

– A finalidade da vida é, para cada um de nós, o aperfeiçoamento. A realização plena da personalidade. Hoje, cada qual tem mais medo de si próprio. Esquece o maior dos deveres, o dever que tem para consigo mesmo. O homem é caridoso. Alimenta o faminto, veste o nu. Mas sua alma é que sofre fome e anda nua. Hoje o que nos governa é o temor da sociedade, base da moral, e o temor de Deus, base da religião (WILDE, 2012, p. 22).

No trecho acima, Wilde mostra o quão retrógrada a sociedade se apresentava, uma vez que os ideais se escondiam em meio a máscaras, e as pessoas viviam suas vidas com base em aparências, ou seja, preocupavam-se com a beleza ao invés da inteligência. Wilde critica a moralidade dos vitorianos como um disfarce do que a sociedade realmente era. Nesse período de radicalismo moral, quem se colocava em oposição ao sistema estava

¹ O puritanismo originou-se com a chegada do protestantismo continental à Inglaterra durante o século XVI. O movimento puritano, em seus primórdios, foi claramente apoiado e influenciado por João Calvino (1509-1564), que a partir de 1548 passou a se corresponder com os principais líderes da reforma inglesa. O movimento não conseguiu substituir as estruturas de plausibilidade que o anglicanismo ofereceu à nação inglesa. As estruturas sociais permaneceram, as mesmas do catolicismo romano, expurgado de suas superstições mais escandalosas. Apenas para uma pequena e influente minoria esta situação não era satisfatória, e esse grupo eram os puritanos. Eles perderam as grandes batalhas públicas que enfrentaram, mas legaram um testemunho que, com o não conformismo, transformou a nação inglesa a longo prazo (FERREIRA, 1999, p. 1).

contra Deus, pois a Igreja Anglicana tinha forte influência no Estado.

Se nos fosse solicitada uma única explicação para o aumento do número de estudos ingleses em fins do século XIX, a melhor resposta nos parece ser: “a falência da religião”. Em meio ao período vitoriano, essa forma ideológica, tradicionalmente confiável, imensamente poderosa, enfrentava profundos problemas. Já não conquistava os corações e mentes das massas, e sob o duplo impacto das descobertas científicas e da mudança social, seu predomínio, antes inquestionável, corria o risco de desaparecer. Tal fato era muito perturbador para a classe dominante vitoriana, porque a religião é, por todas as razões, uma forma extremamente eficiente de controle ideológico. Como todas as ideologias de sucesso, ela age muito menos pelos conceitos explícitos, ou pelas doutrinas formuladas, do que pela imagem, símbolo, hábito, ritual e mitologia (EAGLETON, 2006, p. 33-34).

Na passagem abaixo, percebe-se que ao contrário do propósito da religião, a literatura oferecia uma visão não dogmatizada, abrindo outros caminhos para realidades até então desconhecidas.

A literatura foi, sob vários aspectos, um candidato bem adequado a essa empresa ideológica. Como atividade liberal, podia proporcionar um antídoto poderoso ao excesso religioso e ao extremismo ideológico. Como a literatura, tal como a conhecemos, trata de valores humanos universais e não de trivialidades históricas como as guerras civis, a opressão das mulheres ou a exploração das classes camponesas inglesas, poderia servir para colocar numa perspectiva cósmica as pequenas exigências dos trabalhadores por condições decentes de vida ou por um maior controle de suas próprias vidas; com alguma sorte, poderia até mesmo levá-los a esquecer tais questões, numa contemplação elevada das verdades e das belezas eternas (EAGLETON, 2006, p. 37).

Através de Eagleton, percebe-se que, em meio a tantas restrições moralistas, a literatura surge como uma forma de liberdade de expressão. Embora sua influência estivesse em queda, a igreja ainda ditava modos e comportamentos que, mais tarde, passaram a ser seguidos não só pelos nobres, como também pela classe trabalhadora.

4 DESENVOLVIMENTO

4.1 O MOVIMENTO ESTETICISTA EM *THE PICTURE OF DORIAN GRAY*

De acordo com Muriqi (2007), o Movimento Esteticista aconteceu durante o final do século XIX, e consistia na ideia de que a arte existia pela arte, ou seja, ela existia por ela mesma, e não para ser ditada ou influenciada pela época em que estava situada. Wilde foi um grande adepto desse movimento e seu mentor, Walter Pater, é considerado o

fundador do Movimento Esteticista. Sua principal ideologia era a de que a beleza é relativa e não se atém a nenhuma forma de explicação, apenas a reação do crítico era válida de forma independente.

Na obra *The Picture of Dorian Gray* podemos nos deparar com vestígios do Movimento Esteticista que inspirou Wilde configurados no personagem Dorian Gray, como indica o trecho a seguir:

[...] a verdadeira beleza, acaba onde começa a expressão intelectual. O intelecto é em si uma forma de exagero e destrói a harmonia de qualquer rosto. Assim que nos sentamos a pensar, ficamos todos nariz, todos testa, ou outra coisa horrenda. Veja esses homens que triunfam em qualquer profissão intelectual. São completamente hediondos! Com exceção, evidentemente, dos homens da Igreja. Mas é que os da Igreja não pensam. Um bispo continua a dizer aos oitenta anos aquilo que lhe mandaram dizer aos dezoito e, como consequência natural, ele mantém-se sempre uma pessoa encantadora (WILDE, 2012, p.12).

Na passagem acima, Wilde mostra que a beleza estava em um patamar distante do pensamento crítico, e que o belo existia para ser contemplado, enquanto a inteligência significava ausência da beleza. De acordo com Muriqi,

o movimento estético, de muitas maneiras, evitou ensinar que a arte e a arte da beleza deveriam conter qualquer propaganda moral. Alguns consideraram como uma abordagem automática ao novo movimento. Pater e Wilde foram os que incorporaram essa ideia específica, apesar de Wilde não aplicá-la a *The Picture of Dorian Gray*. Loesberg afirma que não há arte amoral (MURIQI, 2007, p. 6, tradução nossa)².

A passagem de Muriqi acaba nos remetendo ao próprio Dorian, que nos primeiros capítulos do romance se mostra inocente e jovial, com sua beleza notável e desejável. Contudo, a partir do momento que troca sua vida com o seu retrato, o caráter de Dorian muda completamente e piora a cada instante, revelando-nos qual era a sua verdadeira face, ou seja, retratando que nem sempre o que é belo é bom.

Os personagens de Oscar Wilde são representações da sociedade vitoriana, no entanto, se adequam quase que perfeitamente à atualidade, dando-nos uma visão clara de que a sociedade como um todo, apesar de ter prosperado economicamente através da revolução industrial, manteve resquícios dessa mentalidade preconceituosa, que nos

² *The aesthetic movement in many ways shone away from lecturing that art and beauty's art should contain any moral propaganda. Some took it as being something of an automatic approach to the new movement. Pater and Wilde were the ones that embodied this specific idea, even though Wilde fails to apply it to The Picture of Dorian Gray. Loesberg claims that there is no such thing as amoral art* (MURIQI, 2007, p. 6).

remete a uma validação dos propósitos da literatura, esclarecendo o que pensavam as sociedades passadas e a progressão de sua evolução até a atualidade.

Outra característica que podemos perceber dentro do romance é o dandismo, que pode ser conceituado como uma tendência comportamental baseada na forma extravagante de se vestir e se portar. Na obra, essa característica é retratada através de Henry Wotton, um nobre e elegante Lorde, que, diferente de muitos aristocratas da época, não tem preocupações políticas ou sociais, sua única preocupação é a beleza e a busca pela satisfação de seus prazeres e vontades.

O dandismo, como filosofia no século XIX, funciona como uma justificativa para as ações e os modos dos personagens de Wilde. Como o dandismo não tem, na realidade, um propósito político, ele não visa influenciar ou incitar outros homens ou mulheres a absorverem seus ideais (HORZUM, 2016, p. 82, tradução nossa)³.

De acordo com Horzum (2016), o dandismo não possui nenhum objetivo ideológico, porém, funcionava relativamente como uma crítica aos valores da normatividade e masculinidade burguesas no século XIX. E esse é o objetivo de alguns dos personagens de Wilde, como Dorian Gray, o qual, depois de assumir todo o amor e obstinação por si próprio, torna-se outro exemplo clássico dessa tendência, que estava enraizada em seu ser, como é possível notar no trecho abaixo:

A mocidade o imitava. Era o modo de vestir, o encanto de suas maneiras próprias, a elegância com que se conduzia nos menores atos da vida. Aliás, a vida era, para ele, a primeira e a maior das artes. As outras só lhe serviam de preparação. Sua posição de árbitro da elegância o deixava vaidoso. Mas desejava muito mais. Não lhe bastava ser consultado sobre a ocasião de usar uma joia, sobre o nó da gravata ou o jeito de levar a bengala (WILDE, 2012, p. 79-80).

Dorian Gray se dá conta do poder que tem nas mãos e, como dândi que é, vive em plena sociedade aristocrata burguesa e segue seus costumes apenas porque sente a necessidade de um público para ser reconhecido e, por isso, vive em meio aos apreciadores de arte, onde adora ser notado. Wilde mostra, através de Dorian Gray, que a moda e o dandismo são similares, porém, possuem objetivos diferentes: a moda é momentânea, enquanto o dandismo seria um caminho para liberdade, a medida em que, tem seus próprios motivos para se opor à hipocrisia da sociedade em que está situado.

4.2 O MORALISMO EM *THE PICTURE OF DORIAN GRAY*

³ *Dandyism, as a philosophy in the nineteenth century, works as a justification for the actions and manners of Wilde's characters. Since dandyism does not, in reality, have a political purpose, it does not aim to influence or to urge other men or women to absorb its ideals* (HORZUM, 2016, p. 82).

A sociedade da Era Vitoriana na Inglaterra ficou conhecida por conta do seu forte apego à preocupação moral, com uma atenção exagerada ao comportamento dos cidadãos, uma forma passional de demonstrarem sua elegância e decoro. No entanto, tratava-se, em geral, de uma fantasia elaborada para mostrar que existia algo de especial em ser um inglês.

Cada tempo faz com que os valores sejam modificados e circulem por meios diversos, e não é diferente com a sociedade vitoriana, moldada em um comportamento esteta e individualizante, marcada pela valorização da beleza. Assim, a moral é um código aberto capaz de promover a felicidade que, por sua vez, tudo justifica em nome do exercício de matar o tédio (ARAÚJO et al, 2018, p. 5).

A partir da passagem acima, pode-se entender o quanto a sociedade vitoriana era superficial: os nobres ditavam como se comportar, e a plebe e a burguesia seguiam esses costumes – essa última, principalmente, preocupada em não perder seu status social.

Entre as características da sociedade vitoriana, também é possível identificar em *The Picture of Dorian Gray* o patriarcalismo:

Meu filho, mulher nunca é um gênio. As mulheres são um sexo decorativo. Nunca têm nada a dizer, mas falam que é um encanto. Representam o triunfo da matéria sobre o espírito. Exatamente como os homens representam o triunfo do espírito sobre a moral. Acho que as mulheres apreciam a crueldade. Elas têm instintos primitivos. Nós as emancipamos. Mas elas continuam escravas, à procura de senhor. Gostam de ser dominadas (WILDE, 2012, p. 35-36).

Nesse trecho, Lorde Henry se refere à mulher como uma figura desvalorizada, mostra como a sociedade era machista a ponto de a mulher ser vista como a representação de um sexo frágil, e que a inteligência era um artifício de que só o homem dispunha.

A única maneira que uma mulher tinha para levar uma vida confortável e decente na época era conseguindo um casamento arranjado pela família, pois, desde o momento que a mulher nascia, ela já se tornava uma propriedade privada, não detendo nenhum poder sobre o seu corpo. O poder sobre a mulher passava do pai para o seu marido, o qual o próprio pai escolhia. Dentro da casa de seu marido, ela se tornava o objeto dele, satisfazendo suas vontades e obedecendo ao que ele pedia. A mulher, então, nascia e morria sem vontade, tornando-se o símbolo da fragilidade que deveria ser protegido do mundo exterior, além de símbolo do espaço privado em oposição ao espaço público, destinado aos homens (SANTANA; SENKO, 2016, p. 191).

As mulheres tinham o papel exclusivo de reproduzir, servir como guia moral de

seus filhos e empregados, além de frequentar eventos como uma obrigação social. Tal perspectiva sobre o comportamento social da mulher era corroborado na literatura no poema narrativo *Angel in the House*, escrito por Coventry Patmore entre 1854 e 1862. Composto em homenagem à esposa de Patmore, o poema descreve as mulheres de forma idealizada, como esposas dóceis, devotas, humildes e virtuosas (BRITISH LIBRARY, 2020). Os homens vitorianos, por sua vez, possuíam liberdade de ir e vir, submetendo, na maioria dos casos, a esposa à infidelidade conjugal.

No romance, verifica-se também a apatia de Lorde Henry em relação ao casamento: “O casamento seria absurdo. Mas há outros laços, e mais interessantes, entre os homens e as mulheres. Eu os favorecerei [...]” (WILDE, 2012, p.45). Como é possível notar nessa passagem, mesmo Lorde Henry sendo casado, ele agia como se não o fosse e deixava claro o estilo de vida que estaria a apresentar a Dorian Gray.

“Quanto disparate! – exclamou lorde Henry. – O homem pode ser feliz com qualquer mulher, contando que não ame [...]” (WILDE, 2012, p. 102). Lorde Henry se refere a seu próprio casamento, não muito diferente da maioria das uniões da época, como um casamento de aparências, pois o Lorde tinha o estilo de vida de um solteiro. No trecho em que fala sobre o homem não poder amar sua mulher, ele quer dizer, em outras palavras, que, a partir de momento que o homem se apaixona, ele ficará submisso a ela.

Uma característica marcante desse período histórico na Inglaterra relacionado à instituição do casamento e ao modo como a mulher era vista pela sociedade vitoriana foi a popularização dos prostíbulos:

Esse quadro de controle social desembocava, não raras vezes, em atos de grande violência. Exemplo disso é a proliferação, até então inédita, de prostíbulos por todas as grandes cidades da Europa. O “mal necessário”, visto como uma forma de proteger as esposas virtuosas dos acessos apaixonados de seus maridos, impunha às mulheres “caídas” uma vida de miséria, abandono, violência e exclusão social. Essas mulheres eram confinadas em “casas de tolerância” constantemente fiscalizadas pelas autoridades públicas e visitadas por médicos, para tentar evitar que as doenças venéreas não se proliferassem (SANTANA; SENKO, 2016, p. 192).

As prostitutas inglesas, dessa maneira, reforçavam as contradições nas quais se encontravam as mulheres em meio à sociedade patriarcal vitoriana: ora eram vistas como “anjos do lar”, ora como mulheres “caídas”.

Outro aspecto relevante sobre o pensamento moralista da época vinha da influência que a igreja tinha sobre seus fiéis. Para além da preservação da prática religiosa em si, a igreja também ditava o modo de agir e pensar das pessoas, de acordo com o que o clero acreditava ser o “correto”. A monarquia, por intermédio da igreja, com a grande influência que possuía, ditava costumes e ideais da sociedade, como por exemplo, o

repúdio ao homossexualismo. Os dogmas da religião pregavam esse ódio ao que julgavam incomum, logo, o amor entre duas pessoas do mesmo sexo era algo a ser abominado.

A fim de justificar tais ações cometidas pela igreja a respeito da intolerância, o clero se embasava em trechos da bíblia. Porém, de acordo com Vecchiatti (2008), na realidade o que a bíblia condena é o amor fora do casamento, e não o amor entre duas pessoas do mesmo sexo. Em *The Picture of Dorian Gray* é possível ver indícios de um sentimento homoafetivo através de Basil:

Reparei e vi Dorian Gray pela primeira vez. Foi um choque quando nossos olhares se cruzaram. Você me conhece. Sabe que sou, por natureza, independente. Senhor de mim mesmo. Mas fui assim até conhecer Dorian Gray. Realmente, não sei como lhe explicar. Sei que pressenti: estava face a face com alguém cuja personalidade, tão simples, mas tão fascinante, poderia me atrair, envolver e absorver-me inteiramente a alma até a arte (WILDE, 2012, p. 14-15).

No trecho acima, Wilde faz uma crítica ao moralismo com o intuito de mostrar que não se pode controlar os sentimentos, ou seja, mesmo um personagem como Basil, um homem de natureza independente, poderia se tornar dependente de outra pessoa. Nesse momento, Wilde revela que o amor não está condicionado de um gênero a outro, mas de uma pessoa a outra, ou até mesmo o amor a si mesmo.

Outro trecho que nos mostra esse desdobramento é visto através de uma conversa entre Lorde Henry e Basil:

– Fale-me mais a respeito do sr. Dorian Gray. Veem-se frequentemente?
– Todos os dias. Eu não me sentiria feliz se não o visse diariamente. Ele me é necessário.
– Incrível! Sempre pensei que você só se interessasse por sua arte!
– Ele, agora, é para mim a minha arte – disse sério o pintor. – Às vezes, Harry, parece-me que só há duas épocas importantes na história do mundo: a primeira é o aparecimento de um instrumento novo para a arte; e a segunda, a aparição de uma personalidade nova, também para a arte. Dorian Gray é, para mim, muito mais que um modelo vivo. A personalidade desse moço sugeriu-me uma nova modalidade de estilo. Vejo as coisas de outra maneira. Posso agora criar de novo a vida, sob um aspecto que, antes, me ficava oculto. [...] A harmonia da alma e do corpo... que coisa estupenda! Nós, da nossa loucura, a desmembramos. Inventamos um realismo que é vulgar, um idealismo que é vazio. Harry! Se você soubesse o que Dorian Gray é para mim! (WILDE, 2012, p. 16)

Wilde apresenta a temática da homossexualidade através de seus personagens principais. De acordo com Vecchiatti (2008), apenas no fim do século XIX o amor entre pessoas do mesmo sexo deixa de ser visto como um pecado, e passa a ser mostrado como uma doença e algo puramente carnal. No entanto, Wilde mostra uma outra perspectiva,

na qual o amor revigora o ser humano, independente desse amor ser por outra pessoa do mesmo sexo.

De acordo com Loyola (1999), esse período foi de grande repressão sexual, apesar de haver um certo apoio oculto à figura de homem correto e de reconhecimento que não poderia ser manchada, e o sexo era considerado tabu, causando uma opressão a quem o praticava. Isso nos leva ao puritanismo presente no período: apesar de não ter sido criado durante a era vitoriana, ele foi uma de suas grandes características.

4.3 O NARCISISMO ATRAVÉS DO PERSONAGEM DORIAN GRAY

A ideia do termo narcisismo tem origem na Grécia Antiga. Através do livro *III das Metamorfoses* de Ovídio, retrata-se o *Mito do Narciso*, uma história marcada pelo poder da vaidade e a corrupção que ela acarreta a quem se ama demasiadamente. Narciso é um jovem de beleza incomparável que, em determinado momento de sua vida, se dá conta da beleza que possui. A partir de então, ele sente paixão por si próprio. No instante em que vê seu reflexo nas águas de um rio, ele deixa de viver por não conseguir tirar os olhos de si, esquecendo a sua própria vida, uma vez que, para ele, nada mais importava. Narciso deixou até de se alimentar, acarretando sua morte.

O mito do Narciso teve grande influência para os estudos da psicologia, por mostrar a característica da superficialidade e o do egoísmo que está associada ao ser humano. De acordo com Júnior (2010), um desses estudos foi o proposto por Jacques Lacan, apresentado pela primeira vez em 1949, no Congresso Internacional de Psicanálise em Zurique: o estudo intitulado *O Estádio do Espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* buscou compreender a fundo essa questão, e foi um dos seus estudos de maior relevância. A teoria de Lacan surgiu em um período bastante conturbado, em meio ao rescaldo da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria. O objetivo do estudo de Lacan nos remete ao momento de constituição do próprio eu, como a criação de identidade e a distinção entre o eu e o outro, a função deste estudo revela-se como um caso de estabelecer uma relação do organismo com sua realidade (LACAN, 1998).

Basta-nos compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise dá a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* [...] (LACAN, 1998, p. 98).

Sales (2005) sucintamente mostra que um bebê com apenas 6 meses de vida, mesmo pouco consciente de si, pode dar indícios de reconhecer sua imagem refletida em

um espelho. Isso se dá devido à relação do “eu” sendo representado, nesse caso, pela criança, e o outro, sendo representado pelo “objeto” espelho. Dando-lhe, assim, a possibilidade de a criança reconhecer sua imagem a partir do outro, o que se associa ao processo de criação de identidade e, conseqüentemente, à formação do eu.

Na obra de Oscar Wilde, nota-se essa construção de identidade através de Dorian Gray, que se dá conta da própria beleza através das pessoas que o rodeiam, como Lorde Henry Wotton e Basil Hallward. Por meio deles, Dorian vê tudo o que sua beleza representa e o potencial referido a ela. Nesse contexto, perpetua-se esse estado, elevando a outros patamares o resplendor e magnitude da obra escrita por Wilde.

Embora o estudo de Lacan tenha sido de extrema relevância, o termo narcisismo foi citado pela primeira vez por Freud em 1909, em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena. Em um primeiro momento, Freud diz que o narcisismo é nada menos que um complemento libidinal, ou seja, o desejo sexual.

O termo “narcisismo” vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Näcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos. Desenvolvido a esse ponto, o narcisismo tem o significado de uma perversão que absorveu toda a vida sexual da pessoa, e está sujeito às mesmas expectativas com que abordamos o estudo das perversões em geral (FREUD, 1914, p. 10).

No romance, Basil Hallward é o artista que pinta o quadro de Dorian Gray e que, conseqüentemente, se apaixona pela beleza de seu modelo. Basil começa a enxergar em Dorian traços de uma nova tendência em sua arte. O pintor pressentiu que aquela amizade lhe traria grandes alegrias e tristezas, encheu-se de encantos pela simples personalidade de um jovem tão puro e inocente. Porém, em meio a essa amizade, existia Lorde Henry, apresentado a Dorian pelo próprio Basil. Lorde Henry fica fascinado pelo jovem, como é possível notar a partir da citação abaixo:

– O senhor é um prodígio de mocidade. Pode não dar importância agora. Mas um dia, quando estiver velho, enrugado e feio... Quando o pensamento lhe trouxer vincos à testa... as paixões lhe tiverem queimado os lábios com seu fogo detestável... saberá o valor de tudo isso que tem hoje. O senhor é belo. Para mim, a beleza é a maravilha das maravilhas. [...] Sim, sr. Gray. Os deuses lhe foram propícios. Mas, assim como dão, eles tiram. O senhor dispõe só de alguns anos para viver deveras, plenamente, perfeitamente. Quando a mocidade passar, a beleza ir-se-á com ela. Então o senhor descobrirá que já não o aguardam tantos triunfos. Só lhe restam pequenas vitórias. [...] O senhor perderá a cor. O olhar será tristonho. [...] O mundo é seu por uma temporada. Mal o vi, pensei logo: que pena se ele não aproveitar essa mocidade. Logo murchará [...] nós não temos outra chance. E nada há no mundo senão a mocidade! (WILDE, 2012, p. 24-25)

No início do trecho anterior, pode-se notar a ingenuidade de Dorian que, assim como Narciso, não tinha ideia do poder de sua aparência até o momento em que outros deram conta da beleza de sua imagem. Outro fator em comum entre os personagens é a obsessão pela beleza. Contudo, eles a tratam de maneiras distintas: Dorian busca a juventude eterna para se manter belo pela eternidade sem se importar com os meios necessários para alcançá-la, enquanto Narciso almejava conquistar o reflexo visto por ele no rio, pelo qual se apaixonou instantaneamente.

A partir desse momento, Dorian se vê incitado pelas palavras do Lorde Henry e começa a desejar desfrutar das belezas da vida, como se tudo que tivesse até então não fosse suficiente. Dorian passou a se sentir vazio, como se nada o completasse. Lorde Henry, então, surge como um novo mundo a ser desfrutado, um mundo de libertinagem. A partir do momento em que Dorian Gray faz o pacto para obter a juventude eterna, ele desponta na narrativa como síntese do narcisismo e do movimento esteticista. Uma das principais características do personagem é justamente a de se amar acima de tudo. Em alguns momentos, Dorian deixa claro esse comportamento, como pode ser visto no trecho:

Como é triste! Murmurou Dorian Gray com os olhos ainda fixos no seu retrato. Como é triste! Vou envelhecer, e horrível, e terrível. Mas esta imagem permanecerá sempre jovem. Nunca será mais antigo que este particular dia de junho Se fosse só o contrário! Se fosse eu quem deveria estar sempre jovem e a imagem que envelheceria! Por isso - por isso - eu daria tudo! Sim, não há nada no mundo inteiro que eu não daria! Eu daria a minha alma por isso (WILDE, 2012, p. 26-27).

Esse trecho traz com clareza o instante em que Dorian se depara consigo mesmo, e se enaltece com tudo o que vê, chegando a adorar sua própria aparência. Esse é um dos primeiros momentos em que o personagem mostra sua personalidade narcisista, que, aos poucos, descobre ser sua maior característica. O egoísmo também se faz bastante explícito no trecho, principalmente no momento em que Dorian cita que daria sua alma para permanecer com sua beleza jovial pela eternidade, que, embora seja racionalmente impensável, para o protagonista é algo a ser sonhado e almejado.

Assim que começa a ter influência sobre Dorian, Lorde Henry Wotton apresenta a ele um modo de vida até então desconhecido, onde o prazer e luxúria seriam os ápices da vida a serem alcançados. O protagonista logo se entrega e se deleita nesse modo de vida hedonista. Com o passar do tempo, o personagem aflora cada vez mais naquele mundo de luxúria, fazendo-o passar de influenciado a influenciador.

No auge de sua decadência moral, Dorian sentiu prazer em manipular todos à sua

volta, lordes cometiam adultério por seguirem sua influência e mulheres casadas traíam seus maridos com o jovem. Essa sede de manipulá-los era o que saciava, pois, ao seduzir as pessoas à sua volta, ele validava o poder de sua beleza. Como Basil nota em determinado trecho da trama:

– Que horror, Dorian! Alguma coisa o transformou. Por fora, você ainda é o belo rapaz que, há pouco tempo, posava em meu estúdio. A criatura mais pura e inocente deste mundo. Agora, fala como se desconhecesse a piedade, como se não tivesse coração. Já sei! Isto tudo é influência de Harry (WILDE, 2012, p. 67).

Para compreender e fundamentar o egoísmo tido pelo personagem principal, analisa-se, de acordo com Fernandes (2002), o ideal do ego – uma condição para a repressão, pois sua formação se daria sob a influência dos pais. No caso de Dorian Gray, a falta do pai, que foi assassinado a mando do avô, o Lorde Kelso, e a morte prematura de sua mãe resultaram na falta de um amor paterno e materno, que, de forma tardia, passa a ser suprido por Basil e Henry. Basil amou Dorian, assim como uma mãe ama seu filho, aconselhando-lhe sempre positivamente, e já temia a má influência de Lorde Henry, que, aos poucos, como um pai, lhe induzia a seguir sua própria imagem.

Muitas vezes, ao voltar para casa de uma daquelas ausências misteriosas e prolongadas, [...] ele próprio subia as escadas para a sala trancada, abria a porta com a chave que nunca o deixava agora, e ficava, com um espelho, na frente o retrato que Basil Hallward havia pintado dele, olhando agora para o rosto maligno e envelhecido na tela, e agora para o belo e jovem rosto que riu de volta para ele do vidro polido. A nitidez do contraste costumava acelerar sua sensação de prazer. Ficou cada vez mais enamorado de sua própria beleza, cada vez mais interessado na corrupção de sua própria alma. [...] Ele zombou do corpo deformado e dos membros falhos (WILDE, 2012, p. 126).

No enunciado acima, nota-se que, não bastasse o prazer de estar desfrutando da juventude eterna, Dorian se sentia poderoso por debochar do que seria seu próprio envelhecimento, como se ele fosse uma representação da perfeição, levando-o a se sentir uma criatura superior em relação a todos ao seu redor. Similar a um comportamento psicopata, tinha prazer em ver as crueldades que fizera, sem sentir em nenhum momento qualquer remorso pelo que havia cometido.

Gonçalves (2012) relata que o homem narcisista é incapaz de unir-se a alguém, a não ser a si próprio. E, assim como Dorian, o narcisista tenta se envolver em relações, mas que tampouco dão certo, pelo fato de tentar reproduzir no outro a sua própria imagem. Considerando também o fato de ter se tornado imortal, e por isso achar as outras pessoas seres inferiores à sua imagem, Dorian acaba vivendo uma desilusão, e a responsabilidade de uma relação não caberia a ele, pois até o noivado com Sibyl aconteceu de forma

precipitada.

Para o narcisista, não há nada pior do que se sentir preso às paixões e aos arrebatamentos. Isolando-se, ele busca a não identificação com os mais jovens, por estes trazerem ao seu consciente a realidade de uma continuidade de gerações, como se as gerações mais novas “enfraquecessem” a posição social dos que não são tão jovens. Em contrapartida, opõe-se aos mais velhos por estes lhe mostrarem que o envelhecimento é um processo inevitável (GONÇALVES, 2012, p. 210).

Como o comportamento de qualquer narcisista, Dorian Gray é afetado em seus mais íntimos desejos. A necessidade de dividir a vida com alguém faz parte da interação social, sendo imprescindível para todos os indivíduos. No entanto, quando Dorian atinge um estado mais elevado de seu narcisismo, ele abdica dos seus sentimentos, passando a não conseguir ter uma relação estável, privando-se de qualquer desejo, tornando-o vazio. Essa mudança é notável no seu próprio estado de espírito. A citação a seguir mostra o momento em que há essa interação:

Quem me dera poder amar! – exclamou Dorian Gray, em tom sentido. – Mas acho que perdi a faculdade de me apaixonar. Parece que o desejo morreu em mim. Concentrei-me demais no meu eu, e a minha personalidade se tornou um peso. Só desejo escapar, desaparecer, esquecer. Foi uma estupidez ter vindo para cá (WILDE, 2012, p. 118).

Como é visto na passagem acima, Dorian confirma o que Gonçalves relata em seu artigo, que um narcisista deixa claro seu egocentrismo. No caso de Dorian, o protagonista demonstra-se arrependido pelos problemas adquiridos por conta de sua personalidade. No trecho a seguir, através do discurso de Lorde Henry Wotton, pode-se notar que todas as pessoas ao redor de Dorian desejavam sua juventude:

Vá dizendo baixinho como conservou a mocidade. Deve ser um segredo. Sou apenas dez anos mais velho do que você. E aqui estou: pálido, gasto e enrugado. E você nunca me pareceu tão encantador como nesta noite. Conte-me o seu segredo. Daria tudo para sabê-lo (WILDE, 2012, p. 124-125).

Segundo Lowen (2017), os narcisistas podem ser identificados pela ausência de compaixão e solidariedade e, em determinado momento, quando a face narcisista de superioridade cai, trazendo os sentimentos de volta à sua consciência, já é tarde demais.

Seria verdade que o homem não pode mudar? Dorian tinha saudade de pureza de sua adolescência! Sabia que manchara a alma. Enchera a mente de torpeza e alimentara sua imaginação com horrores. Havia influenciado muito para o mal. E alegrara-se, sempre, em ter feito isso. Arrastara muitas vidas à vergonha. Seria tudo isso irreparável? Não haveria um modo de voltar atrás em tudo o que fizera?

Arrependia-se, agora, de ter feito, num momento de orgulho e vaidade, aquele maldito trato. Que sobre o seu retrato recaísse o peso dos seus dias. E a ele, ao seu belo físico, fosse reservado o esplendor da eterna juventude! Seu corpo nunca fora castigado pela vida. Suas faltas estavam todas sem punição. Ah, como lamentava! Por isso, não melhorara: a purificação está no castigo. Em vez de “Perdoai-nos os pecados”, o homem devia orar a Deus: “Lavai-nos a alma de nossas faltas” (WILDE, 2012, p. 126-127).

No trecho acima, percebe-se que, mesmo um homem que cometeu atrocidades em vida, pode se arrepender de seus atos. No fim de seus dias, Dorian reflete e pede que Deus tenha benevolência perante todas suas faltas. Ele reconhece seus erros, e a certeza de que merece ser julgado pelos seus atos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como principal objetivo analisar de que forma o narcisismo se manifesta através do personagem Dorian Gray na obra *The Picture of Dorian Gray* de Oscar Wilde. No entanto, fez-se necessário o estudo paralelo de aspectos presentes na obra, como o Esteticismo e o moralismo. Partindo do Esteticismo, movimento artístico que surgiu com o pressuposto de que a arte existia pela arte, verificou-se que os personagens principais da obra foram retratados com grande influência por esse movimento. A própria representação do quadro de Dorian Gray pelo pintor Basil demonstra o valor real da arte, que, através da verdadeira contemplação de Dorian, o colocou frente a sua real beleza que tanto desejou eternizar.

Outra característica da Era Vitoriana estudada foi o moralismo, aspecto que favoreceu o entendimento do modo de vida da sociedade em que se passa o romance. No contexto do século XIX, esse aspecto era tido como princípio de vida dos cidadãos vitorianos. A desigualdade de gênero fazia parte da realidade da mulher vitoriana, tudo que fugisse da sua normalidade era motivo para punição, o preconceito de gêneros e direitos favorecia a realeza e aristocratas, resultando em desigualdade social. A sociedade limitava o papel da mulher, e é possível estabelecer um contraste com os dias atuais, uma vez que é evidente o espaço que a mulher conquistou. Através de lutas sociais, as mulheres conseguiram constitucionalizar seus direitos.

O narcisismo é tido como fator central na obra, visto que o personagem Dorian Gray representa toda a sua vaidade e apreço por si mesmo. A partir do momento em que Dorian se deixa levar por sua ganância, nada mais importa a não ser sua própria imagem. Apesar de essa característica estar fortemente enraizada em Dorian, os outros personagens também se mostram um tanto egoístas, porque a sociedade vitoriana tendia a ser assim, devido ao forte apego a moral e a obediência à ideologia da igreja. Durante a



obra mostra-se a mentalidade de uma pessoa extremamente narcisista e o desembaraçar de sua tomada de decisões. Com isso, constata-se a solidão que isso o traz e desastres oriundos dessa situação.

A obra de Oscar Wilde, assim como outras literaturas, tem imensa importância e influência, pois, apesar de ter possuído um viés de entretenimento, também retrata historicamente a sociedade onde ela foi escrita. A crítica é outro fator em que a literatura está relacionada, sendo que diversos autores utilizaram dela para expressar ideias contra ideologias, governos e o que mais os frustrasse. Com base em tudo que foi visto, tem-se a complexidade e importância da obra de Oscar Wilde, dando parâmetro de reflexões entre o período vivenciado no século XIX e os tempos atuais.



REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S.. A ética, a beleza, e a arte no retrato de Dorian Gray. *In: Anais [...]*. Rio Grande do Sul: Ed. FURG, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/anais>. Acesso em: 23 set. 2019.
- BRITISH Library. *Coventry Patmore's poem, The Angel in the House*. London: British Library, 2020. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/coventry-patmores-poem-the-angel-in-the-house>. Acesso em: 14 out. 2020.
- CORVINI, H. *Quem tem medo de Oscar Wilde? Vida como Obra-de-Arte*. São Paulo, 2012.
- CEVASCO, M. E. SIQUEIRA, V. L. *Rumos da Literatura Inglesa*. Editora Ática: São Paulo, 1985.
- EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FERNANDES, E. B. *Narcisismo*. 116 f. Monografia (Bacharelado em Psicologia) Universidade Federal de São Carlos – Departamento de Psicologia, 2002. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~bdsepsi/77a.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019
- FERREIRA, F. *O movimento puritano e João Calvino*. Rio de Janeiro, 1999, p. 1-13. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/Movimento_Puritano_Franklin.pdf. Acesso em: 23 set. 2019.
- FREUD, S. *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2010.
- GONÇALVES, A. O fenômeno do duplo em o Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde. Minas Gerais: *Revista Virtual de Letras*, 2012.
- HORZUM, Ş. *Decadence of Victorian Masculinity, or Dandyism in Oscar Wilde's Lady Windermere's Fan*. Hacettepe: University Journal of Faculty of Letters. 2016, p. 73-86.
- JÚNIOR, J. O. B. *O estádio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria*. São Paulo, 2010.
- LACAN, J. (1998[1949]). O estádio do espelho como formador da função do Eu. *In: _____, Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LOWEN, A. *Narcisismo*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- LOYOLA, M. A. *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.
- MURIQI, L. *Homoerotic codes in The Picture of Dorian Gray*. A60 Literary Seminar, Department of English Lund University, 2007, p. 1-21. Disponível em: <https://lup.lub.lu.se/luur/download?func=downloadFile&recordId=1366551&fileId=1366552>. Acesso em: 23 set. 2019.

PIRES, E. C. R. **Oscar Wilde: a tragicidade da vida de um escritor**. Portugal: Instituto Politécnico de Bragança, 2005.

SALES, L. S. **Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário**. São Carlos, 2005.

SANTANA, L. W. A.; SENKO, E. C. **Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX**. Revista Diálogos Mediterrânicos. Curitiba, n. 10, p. 189-215, jan./jun. 2016.

SANTOS, C. Publicação de normas técnicas para apresentação de trabalhos científicos da UFOPA. Santarém: UFOPA, 2016. Disponível em: <http://www2.ufopa.edu.br/ufopa/arquivo/consun/resolucoes/resolucao-no-187.17-consepe-aprova-o-guia-de-normalizacao-da-producao-cientifica/view>. Acesso em: 23 set. 2019.

SOUSA, D. P. A.; DIAS, D. L. F. **Quando a Mulher Começou a Falar: literatura e crítica feminina na Inglaterra e no Brasil**. Gênero na Amazônia, Belém, n. 3, jan./jun., 2013.

TAVARES, E. F. **Esteticismo e decadentismo nos dândis de Wilde e Huysmans: retratos de Des Esseintes e Dorian Gray**. Maringá, 2016.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

VECCHIATTI, P. R. I. **Manual da Homoafetividade. Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos**. São Paulo: Método, 2008.

VIANA, M. M. **Retratos e faces de Dorian Gray: uma leitura baseada na Teoria Queer**. 2017. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2017.

WILDE, O. O crítico como artista. In: _____. **Obra completa**. Trad. José Antônio Arantes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007.

WILDE, O. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução e adaptação de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

WILDE, O. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução e adaptação de Marina Guaspari. São Paulo: Publifolha, 1998.

WILDE, O. **The Picture of Dorian Gray**. [S. l]: Global Grey. Disponível em: <https://www.globalgreybooks.com/picture-of-dorian-gray-ebook.html>. Acesso em: 23 set. 2019. (E-book).



Título em inglês:
THE INFLUENCE OF NARCISSISM IN *THE PICTURE OF DORIAN GRAY* (1890) BY OSCAR WILDE

INVENTARIO